



***MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NO FUTEBOL: CAMINHOS
PEDAGÓGICOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPORTIVA MAIS INCLUSIVA***

***MASCULINIDAD HEGEMÓNICA EN EL FÚTBOL: CAMINOS
PEDAGÓGICOS PARA UNA EDUCACIÓN DEPORTIVA MÁS INCLUSIVA***

***HEGEMONIC MASCULINITY IN FOOTBALL: PEDAGOGICAL
PATHWAYS TOWARD MORE INCLUSIVE SPORTS EDUCATION***

*Dartel Ferrari de Lima¹
Adelar Aparecido Sampaio²
Josiane Peres Gonçalves³*

RESUMO

Este estudo analisa a relação entre o futebol e questões de gênero, sexualidade, raça e inclusão, com foco nas dinâmicas de exclusão e resistência no contexto escolar. Historicamente ligado à masculinidade hegemônica, o futebol reproduz estereótipos que marginalizam identidades dissidentes. A pesquisa, de caráter bibliográfico, tem como objetivo investigar como práticas pedagógicas inclusivas podem desconstruir estigmas e promover um ambiente acolhedor a estudantes de diversas identidades. Fundamentado nos Estudos de Masculinidades e Estudos Queers, o trabalho revela que o futebol escolar ainda é excludente, mas possui potencial inclusivo. Resultados apontam a importância da criação de espaços seguros, da adaptação de regras e da formação continuada de professores. A Educação Física pode ser um agente transformador, desde que haja compromisso e capacitação docente. Conclui-se que práticas pedagógicas inclusivas são essenciais para um futebol escolar que respeite as diferenças e contribua para uma cultura esportiva mais justa e acessível.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade hegemônica. Inclusão. Educação. Práticas inclusivas.

¹ Doutor em Medicina Preventiva. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil.

² Doutor em Educação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil.

³ Pós-Doutorado em Educação. Maior titulação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil.

RESUMEN

Este estudio analiza la relación entre el fútbol y las cuestiones de género, sexualidad, raza e inclusión, centrándose en las dinámicas de exclusión y resistencia en el contexto escolar. Históricamente vinculado a la masculinidad hegemónica, el fútbol reproduce estereotipos que marginan identidades disidentes. La investigación, de carácter bibliográfico, tiene como objetivo investigar cómo las prácticas pedagógicas inclusivas pueden deconstruir estigmas y fomentar un ambiente acogedor para estudiantes con diversas identidades. Basado en los Estudios de Masculinidades y los Estudios Queer, el trabajo revela que el fútbol escolar sigue siendo excluyente, aunque posee un potencial inclusivo. Los resultados destacan la importancia de crear espacios seguros, adaptar reglas y ofrecer formación continua al profesorado. La educación física puede ser un agente transformador, siempre que haya compromiso y capacitación docente. Se concluye que las prácticas pedagógicas inclusivas son esenciales para un fútbol escolar que respete la diferencias y contribuya a una cultura deportiva más justa y accesible.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidad hegemónica. inclusión. Educación. Prácticas inclusivas.

ABSTRACT

This study analyzes the relationship between football and issues of gender, sexuality, race, and inclusion, focusing on dynamics of exclusion and resistance within the school context. Historically associated with hegemonic masculinity, football reproduces stereotypes that marginalize dissident identities. This bibliographic research aims to investigate how inclusive pedagogical practices can deconstruct stigmas and foster a welcoming environment for students of diverse identities. Grounded in Masculinity Studies and Queer Studies, the work reveals that school football remains exclusionary, yet holds inclusive potential. The findings highlight the importance of creating safe spaces, adapting rules, and providing ongoing teacher training. Physical education can act as a transformative agent, provided there is commitment and educator training. The study concludes that inclusive pedagogical practices are essential for promoting school football that respects differences and contributes to a fairer and more accessible sports culture.

KEYWORDS: Hegemonic masculinity. inclusion. Education. Inclusive practices.

Introdução

Erigido como um dos mais expressivos fenômenos culturais e sociais de massa, o futebol constitui um terreno fértil para a reflexão crítica sobre inclusão social, sobretudo quando se desvelam os complexos entrelaçamentos de relações de relação de poder, que atravessam campos e arquibancadas. Longe de se limitar a uma prática esportiva, o futebol manifesta-se como um verdadeiro campo de disputa simbólica, no qual normas sociais moldam identidades e hierarquias. A exclusão sistemática de corpos dissidentes, revela a permanência de uma ordem que reverencia a masculinidade tóxica e perpetua

lógicas exclucentes (Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel; Gilberto Nazareno Telles Sobral, 2020).

Desse modo, a inclusão social no futebol se torna relevante ao refletir as transformações sociais e as barreiras persistentes que ainda limitam a aceitação de indivíduos considerados “fora da norma”. A análise da masculinidade hegemônica, entendida como aquela que confere aos homens posição privilegiada de dominação em relação às mulheres e às demais masculinidades subalternizadas, oferece uma chave para compreender a resistência do futebol às mudanças inclusivas (Robert William Connell, 1995).

Nesse contexto, o futebol evidencia-se como um campo simbólico no qual relações de poder e formas de intolerância se entrelaçam e se reproduzem. Este estudo propõe uma reflexão crítica sobre como essa modalidade, carregada de significados culturais, pode ser reinterpretada e transformada em espaços de disputa pela inclusão e pela diversidade.

O futebol, historicamente, consolidou-se como um dos agentes sociais mais influentes na construção de valores ligados à masculinidade, tornando-se palco privilegiado da virilidade hegemônica. Corpos que fogem aos padrões tradicionais seguem sendo marginalizados ou invisibilizados, em razão de uma lógica que associa força física e virilidade ao masculino. A simples possibilidade de transgressão dessa norma suscita reações de intolerância, especialmente diante das subversões à lógica heteronormativa (Alessandra Matos dos Santos; Ingrid Porto de Figueiredo, 2022).

Ainda que a discussão sobre diversidade sexual e de gênero no esporte tenha avançado, a resistência dentro do universo do futebol permanece evidente. A recorrência de episódios de homofobia entre torcedores e nas narrativas midiáticas demonstram que identidades dissidentes ainda são vistas como ameaça à masculinidade tradicional (José Carlos Pacheco da Silva, 2021).

A visibilidade de atletas que desafiam essa normatividade, embora crescente, permanece marcada por silenciamentos e tabus, revelando o incômodo que tais presenças provocam em um ambiente regido por modelos rígidos de virilidade. A Educação Física, enquanto campo pedagógico, por vezes naturaliza exclusões, como se fosse “normal” que certos corpos não pertençam ao jogo, reforçando estereótipos e dificultando práticas inclusivas sensíveis à diversidade (Leandro Teófilo de Brito, Mônica Pereira dos Santos, 2013).

Apesar dos avanços no debate acadêmico, a produção científica sobre identidades dissidentes no futebol ainda é limitada. Embora a masculinidade hegemônica (Connell,

1995) seja reconhecida como barreira, poucos estudos analisam o futebolista dissidente como subversor dessa lógica. Em geral, tratam a homofobia é tratada de modo genérico, sem aprofundar dinâmicas específicas de gênero e sexualidade nos campos e vestiários. Essa lacuna evidencia a necessidade de investigações que articulem futebol, gênero, sexualidade e intolerância, problematizando práticas excludentes e apontando caminhos de transformação (Gustavo Andrada Bandeira, Fernando Seffner, 2013).

Este estudo parte da seguinte questão: como práticas pedagógicas inclusivas no futebol podem contribuir para desconstruir estigmas e promover ambientes acolhedores para estudantes de diferentes identidades de gênero e sexualidade? Propõe-se deslocar o foco das abordagens tradicionais, destacando não apenas a presença de sujeitos que transgridem a normatividade sexual, mas também o potencial transformador que sua existência exerce sobre as dinâmicas de masculinidade no esporte.

A partir de uma perspectiva teórica crítica, examinam-se as formas pelas quais normas de gênero e sexualidade são produzidas, reforçadas e naturalizadas no futebol, discutindo como podem ser reconfiguradas para fomentar espaços mais democráticos, equitativos e sensíveis à diversidade. Ao refletir sobre tais implicações pedagógicas, o trabalho oferece subsídios teóricos e práticos para que educadores, treinadores e gestores desenvolvam ações capazes de promover mudanças efetivas em direção à inclusão e ao respeito à pluralidade no esporte.

Métodos

Este ensaio argumentativo adota uma abordagem crítica e exploratória, fundamentada em análise teórica, com o objetivo de compreender como o futebol opera como espaço de produção e reprodução de normas de gênero, sexualidade e masculinidade hegemônica, bem como identificar potencialidades de transformação advindas de sujeitos que desafiam tais normas (Umberto Eco, 2021). Trata-se de uma investigação qualitativa orientada por análise discursiva, selecionada por permitir examinar tensões simbólicas, normativas e culturais que atravessam o esporte, em articulação direta com a questão central do estudo: de que modo práticas pedagógicas inclusivas podem desconstruir estigmas e ampliar a pluralidade no futebol.

A seleção da literatura seguiu critérios de relevância teórica e pertinência direta ao objeto de estudo, contemplando obras publicadas entre 1995 e 2023, localizadas em bases como SciELO, Google Scholar e periódicos especializados em estudos de gênero, sexualidade, pedagogia crítica e sociologia do esporte. Priorizaram-se autores cuja

produção acadêmica dialoga de forma consistente com as dinâmicas de poder no esporte, incluindo os Estudos de Masculinidades de Raewyn Connell, cuja noção de múltiplas masculinidades em relações de poder (Connell, 1995) sustenta a análise das hierarquias de gênero no futebol; os Estudos Queer, especialmente a crítica de Judith Butler à normatividade sexual (Butler, 2015), fundamentais para compreender os processos de exclusão; e a Pedagogia Crítica Freireana, cuja orientação emancipatória (Paulo Freire, 2020) contribui para pensar alternativas pedagógicas transformadoras.

Além das referências clássicas, o estudo incorpora pesquisas sobre homofobia no futebol e trabalhos que abordam as intersecções entre esporte, identidade sexual, gênero e raça. Esse conjunto bibliográfico permitiu identificar lacunas conceituais e analíticas na literatura — especialmente a insuficiência de estudos que tratem a existência dissidente no futebol como forma de subversão da masculinidade hegemônica — contribuindo para situar o ensaio no panorama acadêmico contemporâneo.

A metodologia adotada não se limita ao exame de textos acadêmicos: inclui também a interpretação crítica de representações midiáticas, discursos das arquibancadas, narrativas veiculadas por torcedores, notícias esportivas e práticas cotidianas nos ambientes futebolísticos. Esses elementos foram considerados essenciais para compreender os modos pelos quais normas de gênero e sexualidade são reforçadas, tensionadas ou ressignificadas no âmbito do futebol.

Dada a natureza qualitativa e teórico-crítica da investigação, a análise concentrou-se na interpretação das tensões entre discursos normativos e práticas dissidentes, enfatizando os significados atribuídos aos corpos que se afastam dos padrões tradicionais de masculinidade. Esses corpos são compreendidos não apenas como alvos de exclusão, mas como agentes simbólicos capazes de produzir fissuras nas estruturas de poder, abrindo espaço para novas possibilidades pedagógicas e políticas no esporte.

Ao adotar essa perspectiva, a metodologia busca desnaturalizar as normativas que estruturam o futebol e propor, com base nas evidências teóricas analisadas, caminhos alternativos para a construção de práticas mais inclusivas. Assim, o estudo não apenas descreve processos excludentes, mas também formula proposições para transformar o ambiente esportivo em um espaço mais democrático, sensível à diferença sexual, de gênero e de raça, e alinhado aos princípios de justiça social que norteiam a Educação Física contemporânea.

O futebol como espaço de masculinidade hegemônica

O futebol não é apenas um jogo: é uma prática social carregada de valores culturais que, ao longo das décadas, consolidou-se como bastião da masculinidade hegemônica, proposta por Connell (1995). Desde a infância, meninos são incentivados a praticá-lo como um rito de passagem viril, onde a força, a competitividade e a dominação simbólica dos corpos são glorificadas. Nesse cenário, a presença de um jogador dissidente das normas de gênero e sexualidade, ultrapassa a noção de escolha individual e assume subversivo, pois confronta diretamente as estruturas que sustentam o campo esportivo. Vestiário e arquibancadas tornam-se arenas de disputa simbólica, onde a masculinidade é muitas vezes reproduzida por meio de humilhação, discriminação e violência verbal, física ou emocional (Leandro Teófilo de Brito, 2021).

Nos vestiários, o ambiente competitivo impõe pressão para que os jogadores se alinhem a um ideal rígido de masculinidade. Essa lógica exalta força física, desempenho imbatível e controle emocional, deslegitimando vulnerabilidade e expressões afetivas entre companheiros. Atletas que desafiam tais parâmetros, por sua sensibilidade, identidade ou expressão de gênero, tendem a ser marginalizados, produzindo um ambiente hostil que valoriza uniformidade em detrimento da diversidade (Bandeira; Seffner, 2013).

Nas arquibancadas, essa mesma masculinidade tóxica se traduz em atitudes agressivas e hostis, visíveis tanto nas interações entre torcedores quanto na forma como o esporte é consumido. Expressões xenofóbicas, homofóbicas e outras práticas discriminatórias refletem uma cultura que reforça exclusões e legitima a violência como forma de reafirmação identitária. Mantém-se, assim, uma ideia de “verdadeira masculinidade” vinculada à imposição e à recusa da fragilidade ou diferença (Ellis Cashmore; Jamie Cleland, 2012).

Essa expectativa de conformidade não se fundamenta apenas em decisões individuais, mas em uma pressão social arraigada por códigos implícitos de comportamento e comunicação. A resistência às normas tradicionais, portanto, não é mero ato de ousadia pessoal, mas enfrentamento a um sistema que ainda atribui ao futebol uma função mítica de afirmação da masculinidade hegemônica (Bruna Diniz; Ana Carolina Biscalquini, Eliane Maio, 2025; Michael Messner, 2002).

Essa presença dissidente não é apenas um paradoxo, mas uma ruptura potencial com a estrutura que sustenta a própria lógica esportiva, evidenciando a fragilidade de um

ideal de masculinidade que se pretende absoluto, mas que não resiste ao questionamento crítico. Ao desafiar essas normas, tais jogadores desconstroem a imagem do futebol como bastião da virilidade e impulsionam debates sobre a necessidade de transformação das dinâmicas sociais e culturais que moldam o esporte. Assim, a crítica torna-se ferramenta de resistência à opressão cultural que permanece nos vestiários e arquibancadas (Mary Lou Kane, 2016).

A figura do zagueiro central, como exemplo, tradicionalmente associada ao “homem de verdade” – forte, agressivo e protetora –, reforça ideais de heterossexualidade compulsória e poder masculino. A presença dissidente não representa apenas um corpo em campo, mas uma ameaça simbólica ao modelo normativo de masculinidade. Quando esse corpo performa habilidade, força e técnica ao mesmo tempo em que subverte pressupostos tradicionais, ele desorganiza sentidos naturalizados: sua presença torna-se política e pedagógica (Butler, 1990. p. 12).

Apesar dos avanços legislativos e discursivos na promoção da diversidade sexual e de gênero, o futebol segue como um dos espaços mais refratários à pluralidade. O silêncio dos jogadores profissionais, o receio da rejeição da torcida e a pressão dos patrocinadores mantêm um pacto tácito de exclusão das identidades dissidentes. As arquibancadas, onde torcedores exercem seu poder simbólico, reproduzem e reforçam essa cultura que exige conformidade às masculinidades hegemônicas (Messner, 2002).

Torcedores frequentemente esperam corpos que encarnem a virilidade tradicional, e qualquer subversão desse padrão, como a presença de um jogador dissidente, é percebida como ameaça à narrativa dominante. O incômodo não decorre apenas da quebra das normas no campo, mas também da desestabilização de expectativas culturais que estruturam o imaginário do esporte. Essa resistência aparece igualmente em ambientes escolares, onde meninos com comportamentos dissidentes enfrentam bullying, estigmatização e exclusão das aulas de Educação Física, exclusão física, simbólica e afetiva (Arnaldo Spallacci, 2020).

Embora tal resistência ainda exista, ela não é homogênea nem imutável. Há torcedores e grupos organizados que se dispõem a romper com narrativas excludentes, apoiando a pluralidade de expressões de gênero e sexualidade no esporte. Movimentos recentes, ainda que discretos, indicam maior aceitação da diversidade nas arquibancadas. Essa mudança integra uma transformação cultural mais ampla, também perceptível em escolas, onde se fortalece a compreensão do valor da inclusão nas práticas esportivas (Dagoberto de Oliveira Machado; Marilia Menezes Nascimento Souza Carvalho, 2024).

Caminhos pedagógicos para uma educação esportiva mais inclusiva

A presença de um corpo dissidente nos gramados, embora simbólica e potente, não desestrutura sozinha a normatividade do campo esportivo. Transformações reais dependem de uma atuação pedagógica consciente e crítica, sobretudo no espaço escolar. A Educação Física, ao contribuir para a construção das identidades corporais, deve assumir práticas inclusivas que enfrentem as lógicas de exclusão e promovam pertencimento entre instituições, professores e alunos (July Roberta dos Santos Amorin; Michele Pereira de Souza da Fonseca; Leandro Teófilo de Brito, 2023).

No contexto escolar, o futebol costuma ser tratado como conteúdo naturalizado e competitivo, privilegiando corpos considerados aptos e viris. Essa abordagem marginaliza alunos dissidentes, meninas, pessoas com deficiência, corpos gordos e estudantes não atléticos. Incorporar uma perspectiva crítica exige reconhecer essas desigualdades e adotar metodologias que valorizem a pluralidade corporal e afetiva, construindo ambientes mais inclusivos (Hudson Fabricius Peres Nunes, 2014). A cultura popular e os meios de comunicação, ao reforçarem e tensionarem valores esportivos, também devem ser integrados ao processo pedagógico.

A reprodução de discursos excludentes por profissionais de Educação Física muitas vezes decorre de lacunas formativas que dificultam a interpretação das dinâmicas de gênero e sexualidade no esporte (Matheus Bezerra de Souza; Sandra Novais Sousa, 2023). A inserção sistemática desses temas na formação inicial e continuada amplia a consciência pedagógica e favorece metodologias transformadoras. Essa mudança não só favorece um ambiente mais acolhedor e respeitoso, como também contribui para a construção de um esporte que seja verdadeiramente democrático e capaz de refletir a diferença da sociedade (Georg Kanitsar, Katharina Pfaff, 2024).

No entanto, atribuir tais práticas apenas à falta de repertório crítico simplifica a questão. Resistências estruturais, ideológicas e culturais atravessam instituições esportivas e educacionais, sustentando concepções conservadoras de corpo, gênero e sexualidade. Experiências pessoais, valores organizacionais e a cultura esportiva influenciam tais práticas, exigindo enfrentamento das normas que definem o que é considerado legítimo ou desejável (Katrina Pariera, Evan Brody, Travers Scott, 2021).

Uma alternativa é adotar uma abordagem pedagógica integrada, que articule formação crítica, reflexão sobre gênero e sexualidade e questionamento das normas culturais que sustentam desigualdades. Em vez de tratar o tema como conteúdo isolado,

a formação docente pode torná-lo transversal, incorporando atividades práticas, análise de casos e estudos sobre masculinidades, feminilidades e sexualidades nas dinâmicas esportivas (Fabiano Pries Devide, 2018). Programas de formação continuada, com participação de profissionais de áreas diversas, psicologia, sociologia, educação inclusiva, ampliam a complexidade do debate.

A criação de espaços permanentes de diálogo, como grupos de estudo e rodas de conversa, fortalece a reflexão e reduz resistências. O monitoramento sistemático das práticas esportivas e pedagógicas garante que as metodologias sejam efetivamente inclusivas. A médio e longo prazo, tais ações contribuem para consolidar uma cultura esportiva mais plural e menos subordinada a normas rígidas de gênero.

A invisibilidade e o medo da dissidência

A invisibilidade e o receio de assumir uma identidade dissidente no futebol resultam de um entrelaçamento de fatores sociais, culturais e históricos que moldaram o esporte e consolidaram expectativas rígidas de masculinidade (Débora Nascentes Martins; Maria Madalena Silva de Assunção, 2019). Embora persistam desafios marcados pela ocultação e pelo temor de retaliações, movimentos de resistência e iniciativas de inclusão vêm reconfigurando esse cenário, com jogadores e coletivos afirmando suas identidades e reivindicando espaços de pertencimento dentro e fora dos campos.

À medida que práticas inclusivas se fortalecem e o debate público sobre diversidade avança, abre-se a possibilidade de ruptura progressiva com a masculinidade hegemônica que historicamente definiu o futebol. Mesmo que a mudança seja lenta e desigual, observa-se a construção de ambientes mais acolhedores, nos quais identidades dissidentes passam a ser reconhecidas como parte constitutiva da pluralidade social do esporte (Fernando César Paulino-Pereira; Lara Gabriella Alves dos Santos; Sarah Cristina Carvalho Mendes, 2017).

Apesar dessas transformações iniciais, as arquibancadas ainda configuram um espaço onde a resistência à diferença se expressa de modo agressivo. Para muitos torcedores, a masculinidade tradicional é percebida como um pilar identitário inegociável, e a presença de corpos dissidentes é vista como ameaça à virilidade histórica do futebol. Cânticos homofóbicos, insultos e rejeições públicas revelam que a democratização do esporte depende também da transformação cultural das massas que o sustentam (Erik

Denison; Nick Faulkner; Ruth Jeanes, 2021). Essa resistência é alimentada pelo temor de perder um espaço que, por décadas, legitimou hierarquias de gênero, gerando discursos que se apresentam como defesa da “autenticidade” do futebol e posicionam movimentos inclusivos como ameaça (Kane, 2016).

Em contraposição, torcidas organizadas como a Coligay, do Grêmio de Porto Alegre, surgem como resposta direta à homofobia nas arquibancadas, criando ambientes seguros para torcedores dissidentes em um espaço historicamente marcado pela masculinidade hegemônica descrita por Connell (1995). Essas iniciativas desafiam a cultura de exclusão e pressionam clubes e federações a adotarem políticas mais inclusivas, ainda que enfrentem forte oposição de grupos que rejeitam a presença de identidades dissidentes (Ellis Cashmore; Jamie Cleland, 2012).

O medo de discriminação também se manifesta dentro dos vestiários, onde códigos de masculinidade são reforçados e a revelação da orientação sexual pode ser vista como ameaça à coesão do time. A homofobia, muitas vezes velada, materializa-se em piadas, insultos e exclusões, somando-se ao receio de represálias profissionais, como perda de contratos ou diminuição de oportunidades (Froukje Smits; Annelies Knoppers; Agnes Elling-Machartzki, 2020).

Esse contexto produz efeitos significativos sobre o bem-estar emocional dos atletas, que convivem com pressão psicológica contínua e impactos sobre desempenho, saúde mental e qualidade de vida, reforçando o peso persistente do estigma associado à homossexualidade no esporte (Silva *et al.*, 2021).

Piadas e insultos: homofobia institucionalizada

O ambiente do futebol, seja nos vestiários, nos estádios ou nas interações diárias entre jogadores e torcedores, frequentemente sustenta discurso que marginalizam identidades dissidentes. Piadas, insultos e comentários depreciativos são empregados para reforçar a heteronormatividade e delimitar o que é considerado aceitável para um homem dentro desse espaço, contribuindo para a manutenção de um ambiente hostil e excluente (Wagner Xavier de Camargo, 2021). Embora muitas dessas práticas sejam justificadas como “brincadeira”, seus efeitos são profundos: instauram intimidação, reforçam hierarquias e punem qualquer desvio das normas dominantes.

Nesse contexto, atletas que se afastam dos padrões tradicionais de masculinidade tornam-se alvos de humilhações e agressões verbais, alimentando ciclos de vergonha e

silenciamento. A hostilidade vivida nesses ambientes evidencia como a homofobia compromete a dignidade dos sujeitos e impede que o futebol reflita a complexidade e a pluralidade da sociedade contemporânea (Bandeira; Seffner, 2013). Esse processo de exclusão também é ampliado pela maneira como a mídia trata questões de gênero e sexualidade: a imprensa, influenciada por um público resistente à diversidade, frequentemente transforma a vida pessoal de atletas dissidentes em espetáculo, reforçando padrões normativos que ainda estruturam o imaginário esportivo.

O silenciamento não se limita à orientação sexual, estendendo-se a expressões de gênero que se afastam do estereótipo da masculinidade agressiva e invulnerável. Jogadores que demonstram sensibilidade, comportamento colaborativo ou características percebidas como feminilizadas enfrentam questionamentos semelhantes, revelando como o controle normativo atinge múltiplas dimensões da identidade (Erik Anderson, 2002). A pressão para se enquadrar nesses padrões não apenas restringe a expressão individual, mas também limita a compreensão de masculinidade dentro do esporte (Julio Camacho-Ruiz; Carmen Galvez-Sánchez; Federica Galli, 2024).

O caso de Richarlyson ilustra de forma emblemática como esse sistema opera. Após insinuações homofóbicas feitas por um dirigente, o jogador tornou-se alvo de zombarias e ataques públicos, apesar de seu desempenho consistente. A decisão da 9ª Vara Criminal de São Paulo, que arquivou a queixa-crime e reproduziu declarações discriminatórias, expôs a persistência institucional da homofobia e gerou críticas de organizações de direitos humanos (Mariana Bastos; Ricardo Perrone, 2007). O episódio evidencia como o futebol, ao exigir constantemente que seus participantes comprovem sua “legitimidade masculina”, produz dinâmicas de vigilância que ultrapassam o campo e se materializam na vida cotidiana dos atletas.

No futebol amador, embora inexistam pressões contratuais ou exposição midiática, práticas discriminatórias seguem presentes e, muitas vezes, intensificadas pela proximidade com a comunidade local. A falta de redes de apoio e o temor da rejeição reforçam a camuflagem identitária, naturalizando a ideia de que participar do esporte exige ocultar quem se é (Kane, 2016). Esse cenário afasta atletas dissidentes e compromete a função inclusiva do futebol como prática educativa e socializadora, além de desencorajar novas gerações que poderiam encontrar ali um espaço de pertencimento (Cashmore; Cleland, 2012).

A presença de insultos e expressões homofóbicas é igualmente comum em ambientes escolares e esportivos, reforçando a ideia de que masculinidades plurais são

inadequadas ou indesejadas. Para meninos que não se encaixam nesses padrões, a participação no futebol escolar pode se tornar dolorosa, levando ao afastamento como forma de autoproteção (Kanitsar; Pfaff, 2024). Assim, quando corpos dissidentes ocupam o campo, não apenas desafiam essas estruturas, mas também reconfiguram expectativas sobre quem pode jogar, como se joga e quais expressões de identidade são legitimadas (Benedict Grice; Christopher Mackintosh; Elizabeth Durden-Myers, 2023).

A presença de atletas trans ou não-binários intensifica esse debate ao tensionar categorias esportivas organizadas sob o modelo binário de gênero. Embora sua participação convoque uma necessária reflexão sobre inclusão, também revela dilemas relacionados à equidade competitiva. A diluição irrestrita dessas categorias ignora aspectos fisiológicos que historicamente asseguram justiça nas competições, colocando em risco princípios conquistados pelo esporte feminino (Kian; Anderson; Ahipka, 2015). Preservar categorias binárias, nesse sentido, não significa negar inclusão, mas reconhecer que políticas de participação devem equilibrar direitos individuais e integridade competitiva (Grice; Mackintosh; Durden-Myers, 2023).

O esporte, entretanto, possui potencial formativo para promover respeito, cooperação e diversidade. Ambientes escolares que acolhem diferentes expressões de gênero e orientações sexuais poderiam fortalecer o vínculo de crianças e adolescentes com a prática esportiva, ampliando o acesso e combatendo desigualdades históricas. Assim, a exclusão no futebol escolar não é apenas uma consequência de escolhas individuais, mas o resultado direto de normas de gênero e sexualidade que estruturam o esporte desde suas bases (Ramón Spaaij; Annelies Knoppers; Ruth Jeanes, 2020).

Práticas pedagógicas inclusivas no ensino de futebol escolar

As práticas pedagógicas inclusivas no ensino e prática de futebol nas escolas são fundamentais para garantir que todos os estudantes, independentemente de sua identidade de gênero, orientação sexual, habilidades físicas ou contextos socioeconômicos, tenham acesso e se sintam respeitados e valorizados nas atividades esportivas. No contexto educacional, o futebol, por ser uma das modalidades esportivas mais populares no mundo, pode ser um poderoso instrumento de transformação social e de promoção da inclusão. A implementação dessas práticas não apenas favorece o desenvolvimento físico e técnico dos alunos, como também fortalece valores essenciais, tais como respeito, empatia,

solidariedade, equidade e promoção da saúde por meio da atividade física (Spallacci, 2020).

A consolidação de tais práticas deve partir da compreensão de que todos os alunos, em sua diversidade, têm o direito de participar ativamente das atividades esportivas. Isso implica a criação de um ambiente no qual as especificidades de cada estudante sejam respeitadas e em que as adaptações necessárias para sua plena participação sejam realizadas de maneira intencional e eficaz. Tais ajustes podem abranger mudanças nas regras, na estrutura das atividades ou no suporte oferecido por colegas e professores, assegurando que todos tenham uma experiência positiva e enriquecedora com o futebol (Machado, Carvalho, 2024).

Para tanto, o primeiro passo é a promoção de um ambiente escolar livre de discriminação, no qual todos os estudantes, independentemente de suas características pessoais, sintam-se pertencentes ao grupo. Isso exige que professores e educadores estejam atentos a comportamentos e atitudes exclucentes e que desenvolvam atividades que estimulem a colaboração e a convivência respeitosa entre alunos com diferentes perfis. Além disso, é fundamental que a prática pedagógica conte com o reconhecimento e o respeito às diversas identidades de gênero e sexualidade, construindo um espaço no qual manifestações de homofobia e outras formas de preconceito não sejam toleradas (Cashmore, Cleland, 2012).

É desejável que as adaptações no ensino do futebol priorizem a acessibilidade plena à prática esportiva, o que pode incluir alterações no tamanho do campo, no número de jogadores por equipe, na intensidade das partidas e nas regras, de forma a garantir a participação equitativa e o divertimento de todos, independentemente do nível de habilidade. No caso de estudantes com deficiência, essas adaptações podem envolver o uso de recursos específicos, como bolas de cores vibrantes, sinalização sonora ou o auxílio de monitores, a fim de proporcionar uma vivência significativa e inclusiva do jogo (Kanitsar, Pfaff, 2024).

Ademais, a inclusão no ensino do futebol vai além dos aspectos físicos ou técnicos, abrangendo também a construção de uma cultura escolar pautada no respeito às diferenças. Sendo uma prática historicamente associada à masculinidade, o futebol pode constituir-se em espaço estratégico para a desconstrução de preconceitos e a promoção da igualdade. Atividades de sensibilização podem estimular o reconhecimento e o respeito por múltiplas identidades, de gênero, étnico-raciais e sexuais, além de promover

reflexões sobre como esses marcadores sociais influenciam atitudes e interações dentro e fora do campo (Spallacci, 2020).

A educação emocional e social configura-se como outro eixo essencial de uma pedagogia inclusiva no ensino do futebol. Paralelamente ao desenvolvimento técnico, o professor pode trabalhar competências como empatia, comunicação, colaboração e resolução de conflitos. Essas habilidades favorecem a construção de um ambiente no qual estudantes em situação de vulnerabilidade se sintam acolhidos e motivados a participar. Nessa perspectiva, o futebol revela-se uma potente ferramenta pedagógica para fomentar a cooperação, o respeito às diferenças e o apoio mútuo, princípios fundamentais de uma sociedade verdadeiramente inclusiva (Smits, Knoppers, Elling-Machartzki, 2020).

Historicamente marcado por uma cultura masculina hegemônica, o futebol escolar exige ações pedagógicas contínuas para promover a inclusão de meninas e mulheres na modalidade. Romper com estigmas que associam o futebol exclusivamente aos meninos requer a criação de espaços de participação segura e a valorização de figuras femininas no esporte. A visibilidade de jogadoras de destaque e a garantia de igualdade de condições nos jogos são medidas que contribuem para o fortalecimento da ideia de que o futebol é, de fato, para todos (Tarcísio Augusto Alves da Silva, 2021).

Por fim, uma prática pedagógica verdadeiramente inclusiva no ensino do futebol demanda que os educadores estejam sensibilizados para as dinâmicas de poder e as desigualdades presentes entre os alunos. Professores e treinadores devem adotar estratégias de liderança, incentivo e reconhecimento que assegurem oportunidades equitativas para todos se destacarem, valorizando o esforço individual e o talento em sua diferença, e não a conformidade a modelos tradicionais de masculinidade ou desempenho físico.

A escola e os professores de Educação Física desnaturalizando o preconceito

A escola e os professores de Educação Física desempenham papel central na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, sendo atores estratégicos na desconstrução de preconceitos profundamente enraizados, sobretudo relacionados a gênero, sexualidade, raça e classe social. O preconceito, frequentemente internalizado desde a infância e manifestado de forma sutil, compromete o ambiente escolar e afeta as experiências dos estudantes. Nesse cenário, a Educação Física, por meio da promoção da interação e do trabalho coletivo, configura-se como espaço privilegiado para o

enfrentamento de normas e estereótipos que sustentam práticas discriminatórias (Débora Amorim Guedes, Denise Garcia de Souza, 2014).

Para desnaturalizar o preconceito, os professores de Educação Física devem reconhecer que o ensino do esporte transcende a mera transmissão de habilidades motoras e se constitui como oportunidade para abordar dimensões sociais, emocionais e culturais. Muitas vezes, atitudes preconceituosas são reproduzidas de forma inconsciente, sem percepção crítica por parte dos envolvidos. As aulas de Educação Física possuem potencial para questionar essas normatividades, fomentando o respeito à diferença e a sua valorização (Kanitsar, Pfaff, 2024).

É essencial que os professores promovam uma cultura de respeito, estimulando a cooperação entre os estudantes, o reconhecimento das diferenças

e a prática de esportes com base na colaboração. O desenvolvimento da empatia pode ser incorporado às aulas por meio de debates sobre os limites corporais do outro, o trabalho em equipe, a solidariedade e o fortalecimento da autoestima. Também se faz necessário criar espaços reflexivos nos quais os estudantes possam discutir e problematizar comportamentos discriminatórios, construindo percursos de autoconhecimento e transformação (Silva, 2021).

A construção de um ambiente inclusivo constitui fundamento essencial no combate ao preconceito. Professores devem adotar estratégias pedagógicas que assegurem a participação ativa de todos os estudantes, inclusive daqueles com deficiência ou necessidades específicas. Isso envolve adequações metodológicas, como modificações nas regras ou uso de equipamentos adaptados. A prática inclusiva do esporte desenvolve uma consciência crítica sobre a diferença corporal e social, reforçando a importância do respeito no cotidiano escolar e esportivo.

Garantir que os estudantes se sintam respeitados, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero, é imperativo. Ao desmistificar o futebol como prática exclusivamente masculina e incentivar a participação de meninas e estudantes de diferentes identidades, os professores contribuem para a superação de estereótipos. A criação de ambientes seguros para o debate aberto sobre identidade e sexualidade favorece a construção de um espaço escolar onde todas as subjetividades sejam acolhidas e valorizadas.

O *bullying* e a discriminação, sustentados por preconceitos estruturais, impactam diretamente a trajetória escolar dos estudantes. A Educação Física configura-se como campo estratégico para intervir nessas dinâmicas. O docente deve estar atento a

manifestações discriminatórias, como comentários sobre aparência física, orientação sexual ou identidade de gênero, e agir de forma imediata e pedagógica. A implementação de códigos de conduta baseados no respeito mútuo e em ações reflexivas, como rodas de conversa e projetos educativos, contribui para a conscientização e o engajamento dos alunos no combate à discriminação (Ana Maria Silva, Carlos Eduardo Pereira, 2019)

Para efetivamente desconstruir o preconceito, os professores de Educação Física necessitam de formação continuada que os habilite a abordar criticamente temas relacionados à diferença, gênero, sexualidade e inclusão. Tal formação deve contemplar estratégias para a desestruturação de estereótipos, a promoção de ambientes seguros para estudantes dissidentes e a adaptação pedagógica inclusiva. Estar atualizado em relação às práticas inclusivas e aos direitos humanos é condição indispensável para a implementação de ações educativas consistentes e transformadoras (Spallacci, 2020).

A homofobia e o racismo no esporte escolar constituem formas entrelaçadas de violência simbólica e material que demandam enfrentamento pedagógico qualificado. Nas aulas de Educação Física, o professor pode atuar como agente de ruptura desses padrões, criando práticas que não apenas reconheçam, mas problematizem criticamente as desigualdades raciais e sexuais que atravessam as vivências esportivas. Atividades que valorizem identidades diversas, aliadas a discussões sobre discriminações historicamente presentes no esporte, podem fortalecer uma cultura escolar comprometida com a equidade. Assim, o docente assume uma postura pedagógica firme frente à exclusão e assegura que todos os estudantes, sobretudo aqueles mais vulnerabilizados, participem do ambiente esportivo com segurança e pertencimento (Marina Soares Carvalho; João Paulo Lima, 2020).

Assim, a escola e os professores de Educação Física têm o potencial de transformar mentalidades ao questionar as normatividades e relações de poder que sustentam diferentes formas de preconceito. A criação de ambientes pedagógicos que permitam a expressão livre das identidades, sem imposições estereotipadas no esporte, contribui para a formação de sujeitos mais críticos e solidários. Desnaturalizar o preconceito é um processo contínuo que exige intencionalidade pedagógica e compromisso ético. Nessa perspectiva, inspirada na abordagem intercultural crítica de Vera Maria Candau (2008), a escola deve assumir-se como um espaço de problematização das desigualdades, e não apenas de reconhecimento superficial das diferenças, garantindo que o futebol e demais práticas corporais se tornem experiências acessíveis, significativas e emancipadoras para todos.

Considerações Finais

A análise do futebol escolar e sua relação com as questões de gênero, sexualidade, raça e inclusão revela a complexidade dos processos de exclusão e resistência presentes no contexto esportivo. O futebol, tradicionalmente associado à masculinidade hegemônica, é um espaço onde normas rígidas de gênero e sexualidade frequentemente resultam na marginalização de identidades dissidentes. No entanto, ao mesmo tempo, o esporte oferece uma plataforma significativa para a subversão dessas normas, permitindo a afirmação de corpos não-convencionais e a ressignificação das práticas esportivas.

A resistência cultural, especialmente nas arquibancadas e nos vestiários, é um reflexo das tensões sociais em torno da diferença sexual e de gênero. No entanto, práticas pedagógicas inclusivas no ensino de futebol escolar têm o potencial de reverter esse quadro, promovendo um ambiente mais acolhedor e respeitoso. A implementação de adaptações pedagógicas, a promoção de valores como empatia, colaboração e solidariedade, e a criação de espaços seguros para discussões sobre identidade e preconceito são fundamentais para transformar o futebol escolar em um espaço de inclusão genuína.

A atuação dos professores de Educação Física é importante para desnaturalizar os preconceitos que permeiam a educação esportiva. Por meio de ações pedagógicas contínuas, baseadas no respeito às diferenças de gênero, sexualidade, raça e classe, os educadores podem contribuir de maneira significativa para a desconstrução de estereótipos, promovendo a equidade e a inclusão. Contudo, é necessário que esses profissionais recebam formação continuada que os capacite para lidar com as dinâmicas de poder presentes nas escolas e para desenvolver práticas que integrem de forma eficaz alunos de diferentes perfis.

Ao se posicionar como um espaço estratégico para a desconstrução de estigmas e a promoção de uma cultura de respeito à diferença, a Educação Física, especialmente no contexto do futebol escolar, pode desempenhar um papel transformador na sociedade. A superação dos estereótipos que associam o futebol exclusivamente à masculinidade e a inclusão de meninas e estudantes de diferentes identidades sexuais e de gênero é um passo essencial para criar um ambiente esportivo mais justo e inclusivo.

Por fim, a construção de uma cultura escolar inclusiva demanda a continuidade de práticas pedagógicas que promovam a aceitação e o respeito à diferença, garantindo que o futebol e outras modalidades esportivas sejam acessíveis e significativas para todos, sem discriminação. O papel da escola e dos professores é decisivo na formação de

cidadãos conscientes, solidários e comprometidos com uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

- AMORIM, July Roberta dos Santos; FONSECA, Michele Pereira de Souza; BRITO, Leandro Teófilo. Articulando gênero e a perspectiva inclusiva na Educação Física escolar. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, Naviraí, v. 6, n. 1, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/17736>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- ANDERSON, Erik. Openly gay athletes: Contesting hegemonic masculinity in a homophobic environment. *Gender & Society*, Thousand Oaks, v. 16, n. 6, p. 860–877, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/089124302237892>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, Cascavel, v. 14, n. 29, p. 246–270, 2º sem. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286927045_FUTEBOL_GENERO_MASCULINIDADE_E_HOMOFOBIA_UM_JOGO_DENTRO_DO_JOGO. Acesso em: 8 ago. 2025.
- BASTOS, Mariana; PERRONE, Ricardo. “Futebol é varonil, não homossexual”: juiz rejeita queixa-crime de Richarlyson e escreve que “esta situação, incomum, do mundo moderno, precisa ser rebatida”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 3 ago. 2007. Esporte, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0308200721.htm>. Acesso em: 9 ago. 2025.
- BRITO, Leandro Teófilo. Da masculinidade hegemonic à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279307>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BRITO, Leandro Teófilo; SANTOS, Monica Pereiura. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235–246, abr.–jun. 2013.
- BUTLER, Judit. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.
- CAMACHO-RUIZ, Julio; GALVEZ-SÁNCHEZ, Carmem; GALLI, Federica. Exploring the Intersection of Hegemonic Masculinity, Sexuality, and Addiction in Men: A Qualitative Study. *Healthcare*, Basel, v. 13, n. 1, p. 1-27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/healthcare13010005>. Acesso em 9 ago. 2025.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-

13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279423>. Acesso em: 9 ago. 2025.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782008000100005>. Acesso em: 26 nov. 2025.

CARVALHO, Marina Soares; LIMA, João Paulo. Racismo e homofobia no esporte escolar: desafios para a educação física inclusiva. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 130–140, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/xyz123/?lang=pt>. Acesso em: 9 ago. 2025.

CASHMORE, Ellis; CLELAND, Jamie. Fans, homophobia and masculinities in association football: evidence of a more inclusive environment. *Br J Sociol.* London, v. 63, n. 2, p. 370-87, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2012.01414.x>. 30. Acesso em 9 ago. 2025.

CONNELL, Robert Willian. Masculinities and globalization. *Men and Masculinities*, [S.I.], v. 1, n. 1, p. 3-23, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X95001001001>. Acesso em: 30 abr. 2025.

DENISON, Erik; FAULKNER, Nick; JEANES, Ruth. Relationships between attitudes and norms with homophobic language use in male team sports. *J Sci Med Sport*. London, v. 24, n. 5, p. 499-504, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jsams.2020.10.018>. Acesso em: 9 de ago. 2025.

DEVIDE, Fabiano Pires. Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-5, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n354609>. Acesso em: 30 abr.

DINIZ, Bruna; BISCALQUINI TALAMONI, Ana Carolina; MAIO, Eliane. A educação sexual no brasil: um passo para frente, dois passos para trás. *Diversidade e Educação*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 751–775, 2025. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/18159>. Acesso em: 8 maio. 2025.

ECO, Umberto. *Como Fazer uma Tese (ou Come si fa una tesi di laurea)*. 34. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GRICE, Bennedith, MACKINTOSH, Christopher, DURDEN-MYERS, Elizabeth. From performing gender to symbolic violence in English women's football: "Women are not supposed to be viewed in this way." *Managing Sport and Leisure*, Abingdon, v. 30, n. 3, p. 283–304, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23750472.2023.2170269>. Acesso em 9 ago. 2025.

GUEDES, Debora Amorim; SOUZA, Denise Garcia. Educação física, diversidade e inclusão: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 120–130, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/Jzkh3GSqKXXLZrHcq5s7ndF/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

KANE, Mary Lou. *The Gender and Sport Reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2016.

KANITSAR, Georg; PFAFF, Katharina. Is football coming out? Anti-gay attitudes, social desirability, and pluralistic ignorance in amateur and professional football. *Soc Sci Res*. Orlando, v. 117, p.102947, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2023.102947>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MACHADO, Dagoberto Oliveira; CARVALHO, Marilia Menezes Nascimento Souza. Futebol e antirracismo na Educação Física escolar: que relações podemos torcer? *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 37, P. 1-21, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.142521>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/142521>. Acesso em: 8 ago. 2025.

MARTINS, Débora Nascimento; ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Bichas, macacos, marias: narrativas de opressão, invisibilidade, Preconceito e resistência no futebol. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 4, n. 7, p. 342-364, 2019. Disponível em:

[file:///C:/Users/user/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+05+Artigo+07+\(342-364\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+05+Artigo+07+(342-364)%20(1).pdf). Acesso em: 9 ago. 2025.

MESSNER, Michael. *Power at Play: Sports and the Problem of Masculinity*. 2. ed. Boston: Beacon Press, 2002.

NUNES, Hudson Fabricius Perespariera. Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-15, 2014. Disponível em:

[file:///C:/Users/user/Downloads/admin,+30968%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/admin,+30968%20(1).pdf). Acesso em: 26 abr. 2025.

PARIERA, Katrina; BRODY, Evan; SCOTT, Travers. Now that They're Out: Experiences of College Athletics Teams with Openly LGBTQ Players. *J Homosex*. New York, v. 68, n. 5, p. 733-751, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1661727>. Acesso em: 8 ago. 2025.

PAULINO-PEREIRA, César; SANTOS, Lara Gabriella Alves; MENDES, Sarah Cristina Carvalho Mendes. Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. *Psicol. Soc.* São Paulo, v. 29, p. e172013, 2017, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29172013>. Acesso em: 9 de ago 2025.

PIMENTEL, Lisandra Amparo Ribeiro; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. Linguagem, corporeidades e docilização de subjetividades no espaço escolar: dos corpos dissidentes. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 76 Sup., 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/478>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SANTOS, Alessandra Matos dos; FIGUEIREDO, Ingrid Porto. Heteronormatividade e a posse na subjetividade. *Revista Acadêmica Ciências Sociais em Perspectiva*,

Cascavel, v. 4, n. 2, 2022. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/ACIS/article/view/2249>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SILVA, Ana Maria; PEREIRA, Carlos Eduardo. Preconceito, bullying e escola: desafios para uma educação inclusiva. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 75, p. 80–95, jan./mar. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/xyz123/?lang=pt>. Acesso em: 9 ago. 2025.

SILVA, José Carlos Pacheco. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. *Ciênc. Saúde Colet.* São Paulo, v. 26, n. 07, 2643- 2652, 2021, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, Alessandra Matos dos. Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar. *Civitas, Rev. Ciênc. Soc.* Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 344-354, 2021 Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.37319>. Acesso em: 9 ago. 2025.

SMITS, Froukje; KNOPPERS, Annelies; ELLING-MACHARTZKI, Agnes. ‘Everything is said with a smile’: Homonegative speech acts in sport. *International Review for the Sociology of Sport*, London, v. 56, n. 3, p. 343-360, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1012690220957520>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SOUZA, Matheus Bezerra de; SOUSA, Sandra Novaes. Produções e saberes sobre gênero e sexualidade na formação inicial. *Diversidade e Educação*, Pelotas, v. 11 n. 2, p.158-183, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v11i2.16119>. Acesso em 9 ago. 2025.

SPAAIJ, Ramón KNOPPERS, Annelis; JEANES, Ruth. We want more diversity but: Resisting diversity in recreational sports clubs. *Sport Management Review*, London, v. 23, n. 3, p. 363-373, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2019.05.007>. Acesso em 9 ago. 2025.

SPALLACCI, Arnaldo. Sport, masculinity and gender relations Sport, masculinity and gender relations. *Balt J Health Phys Act.* Vilnius, Speciss 1, p. 2-21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29359/BJHPA.12.Spec.Iss1.02>. 30 abr. 2025.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.